

A PROMESSA INFELIZ [A TAREFA-DESEJO DE NANCY HUSTON]

Luís Fernando PROTÁSIO¹

RESUMO: A reflexão pós-moderna questiona a possibilidade de um significado transcendental e problematiza a distinção radical entre os termos, colocando a tradução como processo fundamental a partir do momento em que a entende como acontecimento. Entretanto, quando se trata do processo de autotradução, que coloca em cena outras variantes, tais como bilinguismo e identidade, o que parece haver é uma repetição do “discurso essencialista” que essa mesma reflexão critica, uma reafirmação da “fantasia logocêntrica” que problematiza. Tomando como exemplo o caso da escritora canadense Nancy Huston, este trabalho objetiva refletir sobre algumas questões levantadas pelo processo de autotradução e revelar de quais maneiras o discurso sobre tal processo acaba por reafirmar a possibilidade do significado transcendental e, conseqüentemente, por legitimar a famigerada oposição entre original e tradução – contradizendo, portanto, as reflexões teóricas que afirma.

PALAVRAS-CHAVE: autotradução, corpo, atos de fala

ABSTRACT: The postmodern reflection questions the possibility of a transcendental signifier and doubts all radical distinctions between terms, which puts translation as a central process, here understood as an event. However, when it comes to the self-translation process, in which other variants – such as bilingualism and identity – are brought into play, it seems to happen a kind of echo of the same “essentialist discourse” that this reflection criticizes, an endorsement of the “logocentric fantasy” that it questions. Taking the Canadian writer Nancy Huston as an example, this paper aims both to reflect upon some questions raised by the self-translation process and to reveal in which ways the discourse on such process endorses the possibility of a transcendental signifier and, as a consequence, authenticates the notorious opposition between original and translation – what contradicts, therefore, the theoretical considerations stated by this discourse.

KEYWORDS: self-translation, body, speech acts

¹ Mestrando em Linguística Aplicada. Área de Teoria, prática e ensino da tradução, UNICAMP.

O objetivo deste texto – um projeto, eventualmente, fadado à falência – é delinear no horizonte do que será o capítulo central de minha dissertação: a articulação de dois textos, também centrais, do conjunto da obra da escritora canadense Nancy Huston, meu objeto de estudo, com alguns conceitos fundamentais de Walter Benjamin. Tal articulação, que será atravessada, de modo amplo, pela questão da tradução e, de modo específico, pela questão da autotradução, terá como ouvinte alguns textos da psicanálise e da filosofia da linguagem.

Gostaria de começar esta articulação, cujo percurso, assim como a minha pesquisa, será uma promessa que terá ficado [não sei se teria como ser diferente] em torno da Autotradução, realizando um ato de memória [*Erinnerung*, ou a “lembrança”, conceito explorado por Benjamin nas *Teses sobre o conceito de História*, de 1940]. Em outras palavras – e melhor dizendo –, na senda aberta por uma fala de Jeanne Marie Gagnebin de Bons, professora da Unicamp e da PUC-SP, proferida em uma mesa redonda no SILEL, que aconteceu na UFU, em novembro de 2011 e cujo tema foi precisamente “As formas literárias da memória”, o que eu gostaria de realizar – e esse será meu ponto de partida – é um ato de rememoração e de comemoração [*das Eingedenken*, outro conceito explorado por Benjamin tanto nas *Teses* quanto no *Narrador*].

Digo um ato de rememoração porque vou propor articular o passado com o presente e estabelecer uma *relação* reatualizada com esse presente, uma “redenção” – para continuar usando o vocabulário de Benjamin – [e redenção aqui deve ser entendida em um sentido mais teológico, isto é, mais supra-histórico, transcendente, do que em um sentido materialista, político, inter-histórico]. Digo, também e por outro lado, um ato de comemoração porque vou propor estabelecer uma redenção daquele passado e *uma união* de ambos (passado e presente) em torno de *um* acontecimento [E qual acontecimento? O acontecimento da tradução em seu sentido mais material de transmissão – *Überlieferung* – e em seu sentido mais tradicional e, exatamente por isso, também mais metonímico (mais metafórico, mais indireto) de relação – *Übersetzung*].

Esse ato de rememoração e esse ato de comemoração – é preciso que fique claro desde de já – irão também, espero, “atuar” como ancoragem alegórica – e, em certo sentido, teórica – para o percurso que proponho, para a hipótese que me persegue e ‘me observa nu’ (como a

gata obscenamente inspecionada por Derrida em *O animal que logo sou*, 2002): a hipótese de que *autotradução*, e portanto *tradução* e portanto *língua*, em virtude de um esquecimento fundamental que marca o nascimento do modelo de pensamento ocidental [o modelo socrático-platônico], tiveram (e, em certo sentido, continuam tendo) suas posições apagadas (ou, melhor dizendo, *usurpadas*) para dar lugar a uma instância ideal – e, portanto, inalcançável –, instância essa que depois foi reivindicada por um Deus Redentor, mas opressor, o qual é, finalmente, assassinado e cujo trono é então conquistado pelo homem cientista do século 19.

É **contra** esse modelo – que domina ou parece dominar todo o campo do pensamento ocidental e, em especial, o campo da reflexão sobre as questões da língua[gem], e, logo, o campo da reflexão sobre as questões da tradução – que vou propor aqui uma aproximação – talvez um pouco arriscada, poderá ser alegado – de alguns conceitos de Benjamin (especificamente o Benjamin das *Teses*, de 1940, do *Narrador*, de 1936 e da *Tarefa*, de 1923) com um determinado projeto teórico que pode ser identificado como “pós-estruturalista” – projeto ao qual minha pesquisa se filia.

Marco essa aproximação alegoricamente – como sabemos, a alegoria, que etimologicamente significa ‘dizer o outro’, é uma noção-chave na obra de Walter Benjamin e sempre significa por inteiro algo diferente daquilo que é por inteiro e essa significação exige um esforço intelectual para ser construída, ao passo que a metáfora se ajusta a termos isolados dentro do todo – o texto, por exemplo – e sinaliza uma relação de semelhança. Como em tradução se diz o outro e não *como o outro*, prefiro (escolho) alegoria e não metáfora. E essa aproximação alegórica que opero de alguns conceitos de Benjamin colocados em diálogo com um determinado projeto teórico (o pós-estruturalismo) marca-se *alegoricamente* em meu texto na vereda desenhada por uma citação de Nancy Huston que reproduzo a seguir. Trata-se de um curtíssimo trecho do texto *En français dans le texte*, que fará parte da leitura que proponho aqui, e diz:

En allemand, le mot anglais pour enfer signifie... clair. *Hell, Hell, Hell*, j’ai soudain le droit de le dire. C’est génial. (1995, p. 266)

Esse curtíssimo trecho – que deixo em francês (no ‘original’) propositadamente – baliza, de acordo com minha leitura, a aproximação que vou propor, o espaço de convivência

e de magia da tradução *dans le texte*, et, pourquoi pas dire, *through the bonds of a tongue called mother*.

Os conceitos de Benjamin que vou, de certa maneira, *manipular* aqui são precisamente os conceitos de *Überlieferung* (transmissão/tradição), *Eingedenken* (rememoração/comemoração), *Aufgabe* (tarefa/renúncia). (é interessante sublinhar que todos esses conceitos já fundam, já “nomeiam”, em si, um problema de tradução e representam, de certa maneira *propriamente*, o famoso (*famigerado*, poderíamos até dizer) *intraduzível* da tradução. Não é o propósito aqui destrinchar os detalhes desses conceitos em uma leitura que cumpriria um papel – caro ao local institucional em que estamos – de preencher uma justificativa teórica e completar um percurso metodológico pré-determinado dentro de um trabalho acadêmico. Essa tarefa, entretanto, certamente, em algum momento, terá que acontecer.)

Esse ato de memória – esse ato de lembrança, que simula o passado e é o desvendamento da questão da tradução em Nancy Huston – esse ato de memória de que falei vai, em certo momento da minha leitura, cruzar [no sentido de *se mestiçar com*] a ancoragem alegórica [que é, aqui, os dois textos de Nancy Huston que escolhi para observar: um discurso de 1994 publicado no volume de textos escolhidos *Désirs et Réalités* e o primeiro capítulo do romance de 1993, *Plainsong/Cantique des plaines*]. Essa mestiçagem do ato de memória com a ancoragem alegórica vai, então – esse é o objetivo – criar o espaço no qual, de acordo com a leitura que proponho, *Überlieferung* (transmissão/tradição), *Eingedenken* (rememoração/comemoração) e *Aufgabe* (tarefa/renúncia) vão, *justamente*, conviver: e esse espaço é, *justamente*, o espaço da Tradução/Autotradução (um espaço que, se de fato existe, está localizado no âmbito do espaço do *Desejo*, isto é, no âmbito do espaço de um corpo psicanalítico).

(Abro um parêntese aqui para dizer que esse espaço funciona também como uma justificativa para o fato de a leitura que proponho neste texto em particular não se deter de forma mais demorada em alguns dos aspectos mais visados nos estudos que tratam da autotradução: a saber, o bilinguismo – um aspecto mais ‘linguístico’ – e a reescritura – um aspecto mais ‘literário’. De fato, esses são aspectos que levei em consideração quando comecei a pesquisa bibliográfica e que têm o lugar que lhes cabe dentro da minha pesquisa – como já pude demonstrar em outras oportunidades². Entretanto, para a questão que eu gostaria

² A respeito das questões de bilinguismo e reescritura, um artigo, fruto de uma apresentação realizada no 18º INPLA (Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada), ocorrido entre os dias 21 e 25 de junho de 2011 na PUC-SP, está sendo preparado para publicação.

de examinar aqui – a questão da transformação de certa *renúncia* em *desejo*, transformação mediada pelo exercício da memória e pela tradução como exercício da memória – para essa questão, esses aspectos não têm a relevância necessária para justificar sua inclusão no percurso aqui proposto. O que valeria observar, por enquanto, é que tanto o bilinguismo quanto a reescritura ainda estão em posição de destaque nas pesquisas sobre a autotradução. Entretanto, a meu ver, isso não redime, isto é, não “liberta” a tradução e a autotradução do cela socrático-platônica que elas habitam, mas reforça exatamente o que, de acordo com a minha leitura – e esse é um ponto em que insisto –, é uma reatualização de um projeto essencialista, tradicional, positivista da tradução, projeto que é alvo da crítica feita pela perspectiva a qual me filio – a perspectiva pós-estruturalista, como já apontei. Seria relevante também de deixar registrado que é esse projeto que procuro questionar quando abordo os aspectos do bilinguismo e da reescritura na minha pesquisa. E aqui fecho os parênteses)

Como disse, a análise que proponho aqui tem como ancoragem alegórica dois textos de Nancy Huston. São eles: os romances *Plainsong* e *Cantique des plaines*, ambos de 1993, e um discurso proferido por Huston em 1994, cujo título é *En français dans le texte* (incluído na coletânea de textos escolhidos *Désirs et réalités*, de 1995). Escolhi esses textos pelo fato de eles terem uma relação direta com a questão da tradução: *Plainsong* (1993) é não apenas o primeiro romance que Huston escreve em sua língua materna (o inglês – até então ela só tinha publicações em francês, sua língua de adoção), mas também é o primeiro que ela traduz para o francês (*Cantique des Plaines*, 1993): uma tradução que seria premiada no Canadá³ e que teria uma recepção, digamos, *escandalosa*, pela crítica canadense, o que desencadeia em Nancy Huston não apenas um processo de tradução sistemática de seus trabalhos, mas especialmente um processo de reflexão sobre a tradução, a língua, a cultura. O texto – o discurso – *En français dans le texte* vem, um ano depois, em 1994, justamente evidenciar essa reflexão.

Começo citando um trecho do discurso, reunido no livro *Désirs et Réalités*, de 1995, em que Huston aborda essas questões. O título é, como disse, *En français dans le texte*⁴, e trata-se de uma conferência pronunciada em 1994 na *Maison des écrivains et de la littérature*, em Paris.

³ O romance *Cantique des Plaines* ganhou o Governor General's Award/Prix du Gouverneur Général na categoria de Ficção (em francês). A premiação, todavia, causou reações diversas na crítica canadense (em especial, na crítica quebequense), e reacendeu o questionamento sobre as fronteiras entre tradução e original. Uma visão detalhada desses acontecimentos é fornecida por Frank Davey no artigo *Big, Bad and Little Known: The Anglophone-Canadian Nancy Huston* (In: *Vision/Division: l'oeuvre de Nancy Huston*. University of Ottawa Press, 2004)

⁴ A própria expressão já merece uma análise mais aprofundada. Tal incursão não será feita aqui por motivos de espaço.

Diz o texto em determinado ponto:

C'est juste une explication, juste l'histoire que je me raconte pour comprendre ma vie, pour pouvoir m'endormir le soir : chacun transforme sa vie en histoire pour la rendre compréhensible, avalable. Donc, en matière de langue maternelle, quand j'avais six ans, elle a disparu. Ma mère. Avec sa langue dans sa bouche. *Mary-Louise*, elle s'appelait, s'appelle encore. Et aussi : *Mommy, Mom, Mother*. Elle a été immédiatement remplacée par une jeune émigrée allemande du nom de *Maria. Mutter. Mutti*. C'était très simple. Il suffisait de changer de langue et les mots n'avaient plus le même sens. *Mutti* et *Mommy* désignaient deux personnes différentes. *Mommy* n'était plus là, mais je n'avais pas pour autant perdu ma mère puisque *Mutti* était là [...] Je n'étais plus la fille que *Mommy* avait abandonnée, j'étais celle que *Mutti* venait d'acquérir. [...] xVous voyez la magie. Langue étrangère, nouvelle identité. (En français dans le texte. in.: *Désirs et Réalité: Textes choisis*, p. 265)

[É apenas uma explicação, apenas uma história que conto para mim mesma para poder compreender minha vida, para poder dormir à noite: as pessoas transformam sua vida em história para torná-la compreensível, tragável. Então, no que diz respeito à língua materna, quando eu tinha seis anos, ela desapareceu. Minha mãe e sua língua em sua boca. *Mary-Louise*, era o seu nome – é ainda. E ainda: *Mommy, Mom, Mother*. Ela foi imediatamente substituída por uma jovem imigrante alemã cujo nome era *Maria. Mutter. Mutti*. Simples assim. Bastava alterar a língua e as palavras já não tinham mais os mesmos significados. *Mutti* e *Mommy* designavam duas pessoas diferentes. *Mommy* não existia mais, não estava mais lá, mas eu não tinha perdido minha mãe, porque *Mutti* existia e estava lá. [...] Eu não era mais a garotinha que *Mommy* tinha abandonado: eu era aquela que *Mutti* tinha acabado de conquistar. [...] Você vê a magia: língua estrangeira, identidade nova.] (tradução minha)

No trecho citado, temos a explicitação da experiência traumática que vai influenciar toda a vida artística – e reflexiva – de Nancy Huston: o abandono pela mãe. O testemunho desse trauma é, nesse sentido, a narração [*Erzählung*] e a lembrança [*Erinnerung*] de algo que não pode ser esquecido, de algo que deve, portanto, ser lembrado, mas também a impossibilidade de dizer o que deve ser dito. Em outras palavras, um trabalho de rememoração [*Eingedenken*] e de transmissão [*Überlieferung*] que, juntos, transformam o passado traumático em um acontecimento de certa forma resistente ao perigo do esquecimento. Como aponta Jeanne Marie Gagnebin de Bons (2011):

Nossa relação ao passado [é] uma exigência simultaneamente epistemológica e ética: pensar a presença, o passado no presente, não em termos de “representação” (*représentation, Vorstellung*) mas em termo daquilo que [Ricoeur] chama de “representança” (*représentance, Vertretung*), uma relação orientada pelo reconhecimento da dívida que o presente tem em relação ao passado, e pela responsabilidade narrativa e linguística de *testemunho* que os vivos assumem em relação aos mortos. (p. 159-160)

E o testemunho desse trauma é exatamente aquilo que transformará a língua em um instrumento de superação do passado, afinal, como aponta Shoshana Felman (1999) – e aponta precisamente em um texto em que vai tratar das *Teses* e do *Narrador*. De acordo com Felman: “o traumatizado é privado de uma linguagem na qual narrar sua vitimização, seu trauma. A relação entre trauma e história é muda” (p. 213). Nesse sentido, “Bastava alterar a língua e as palavras já não têm mais os mesmos significados”, diz Nancy Huston, e assim cria-se a possibilidade de redenção/libertação desse passado traumático por meio de sua repetição, de reatualização em outras línguas.

Em *Plainsong/Cantique des plaines*, essa reatualização, essa repetição do passado acontece alegoricamente a partir da recuperação desse passado: a narradora Paula procura reconstruir o passado de sua família (a memória de sua vida) partindo do manuscrito de um tratado filosófico escrito por seu avô, Paddon. Essa tarefa a ela incumbida de costurar a memória de sua família e de seu país e fazer dessa malha a sua própria história, sua memória, mas também a sua própria mortalha, faz parte de uma promessa que ela, Paula, fizera quando criança para o avô. Em certo ponto quase no final do primeiro capítulo do romance de Huston, quando a história e a narração ainda estão sendo situadas, Paula, a narradora diz:

No, I haven't forgotten my promise. You must have thought I had. I know you remembered it to the end, though two decades have gone by without our so much as alluding to it once. (*Plainsong*, 1993, p. 5)

Non, je n'ai pas oublié ma promesse. Tu as dû penser que si. Je sais que toi tu t'en es souvenu jusqu'à la fin, bien que deux décennies se soient écoulées sans qu'on en ait reparlé une seule fois. (*Cantique des Plaines*, 1993, p. 16)

[Não, não esqueci a promessa que fiz. Você deve ter pensado que esqueci. E eu, eu sei que você se lembrou dela até o fim, ainda que duas décadas tenham se passado sem que tenhamos tocado nesse assunto uma vez sequer.] (tradução minha)

No trecho citado, apesar de não haver um problema de tradução evidente e as palavras parecerem ‘deslizar’ do inglês para o francês, eu gostaria de ressaltar o problema colocado pelo título, uma referência *intraduzível*: *Plainsong*, literalmente “cantochoão” em português e *Plain-chant*, em francês, faz ao mesmo tempo referência ao um tipo de música monástica medieval – o Canto Gregoriano, por exemplo –, à redução que o Cristianismo opera da cultura

indígena canadense e às particulares planícies de Alberta⁵. Nesse sentido, *Cantique des plaines*, uma leitura apressada e contaminada diria, não recuperaria toda a semântica proposta no inglês, restringindo-se a apenas uma delas (a última que citei).

Essa promessa – que não foi esquecida e que Paula faz questão de deixar claro –, “latente” na narrativa e somente “citada” nesse ponto (quase o final do primeiro capítulo, como eu disse) ganha, de acordo com minha leitura, um espaço alegórico de reivindicação do passado, de rememoração, *Eingedenken*. Seria curioso notar que ‘two decades/deux décennies – duas décadas’ é exatamente o tempo que separa o abandono de Nancy Huston do inglês e sua redenção com *Plainsong*. No entanto, essa notação seria da esfera de um “impulso (de um desejo) *autobiográfico*”, impulso/desejo que entraria em conflito com a mudez essencial do “eu” traumatizado (se nos filiaros à leitura de Felman) ao mesmo tempo em que engendraria sua rememoração, *Eingedenken*, comemorada, no sentido de celebrada, no caso de Nancy Huston, em uma língua estrangeira. “língua estrangeira, identidade nova”, ela diz.

Contudo, se o autor tem que morrer, como diz Barthes (1987 [1968]), o trauma precisa sobreviver [*Überdauert*, resistir, persistir, durar]. Se a promessa feita não pode ser cumprida, a tarefa precisa trabalhar então com a chave *sucesso/insucesso, feliz/infeliz* – proposta da filosofia da linguagem de Austin. Se a tarefa da narração [*Erzählung*] e, logo, a tarefa da tradução [*Übersetzung*] deve ser marcada pela rememoração e pela comemoração [*Eingedenken*] de um passado traumático que não pode ser esquecido, sua renúncia pode apenas ganhar corpo como *desejo* inscrito no corpo, isto é, na linguagem [ainda que desejo inscrito em um “corpo psicanalítico” que se articularia *como* uma linguagem, pensando em Lacan].

Nesse sentido, o risco sobre o prefixo “in” do título deste texto marca não apenas uma *rasura*, mas uma *cesura*, um “corte” na própria possibilidade da realização (isto é, na própria possibilidade da *Felicidade* e do *Sucesso*) da promessa e da transmissão [*Überlieferung*] dessa promessa, mas também a transformação da “tarefa” [ou seja, provoca uma metamorfose na “tarefa”] e anula [rasura, corta] o caráter nostálgico, melancólico que, de acordo com algumas leituras, estaria *assinado* nessa tarefa tal como abordada no famoso prefácio de Walter Benjamin [*Die Aufgabe der Übersetzer*, “a tarefa-renúncia do tradutor”, na famosa tradução de Susanna Kampf-Lages]. Essa transformação da tarefa e essa rasura de seu caráter melancólico que são marcadas pelo traço sobre o prefixo “in”, o corte no prefixo “in” de meu título é, ainda, o adiamento [o *diferimento*, a *différance*] dessa tarefa, mas não – nunca – sua

⁵ *Plain*, planície tanto em francês quanto em inglês.

destruição, já que um resto ainda *resta* e o que resta é o desejo [só é desejo porque não é alcançado], o que resta é a necessidade do testemunho e a obrigação do trabalho de rememoração [*Eingedenken*]. O que resta, por fim, é o desejo de tradução.

Esse trabalho de rememoração que resta pode ser lido, alegoricamente, na frase final do primeiro capítulo de *Plainsong/Cantique des plaines* (capítulo que, nesse sentido, se oferece à leitura como uma espécie de testamento – e os testamentos são, sim, sempre traídos). Cito:

This land is my land at long last. (1993, p. 9)

Cette contrée est donc à moi, enfin. (1993, p. 20)

[Finalmente é minha esta terra.] (tradução minha)

O que resta é, finalmente – e eu termino aqui –, o espaço que minha pesquisa busca “narrar” e, em certo sentido, “traduzir” academicamente: um espaço de magia (“você vê a magia”, garante Nancy Huston em seu texto) e um espaço de convivência (“como viver sem conviver, na praça de convites?”, indaga Drummond em seu conhecido poema) entre *Überlieferung* (transmissão/tradição), *Eingedenken* (rememoração/comemoração) e *Aufgabe* (tarefa/renúncia), uma terra (*land, contrée*) prometida e, logo, irrealizável, inalcançável no sentido material, essencial, positivo que ainda resiste nos estudos e na crítica de tradução e de autotradução; um espaço alegórico em que a delicada geografia de um estranho estranhamente familiar (o *Unheimlich* freudiano) descobre – e macula – as fronteiras sobre as quais o próprio da tradução (e, conseqüentemente, o próprio da autotradução) irrompe e funda, para fazer referência a Blanchot, a loucura que é a tradução.

Referências

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. 2nd Edition. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1975.

BARTHES, R. (1968). A morte do autor. In: **O rumor da língua**. (Trad. António Gonçalves). Lisboa: Edições 70, 1987.

BENJAMIN, W. (1923). A tarefa-renúncia do tradutor. (Trad. Susana Kampff Lages). In: CASTELLO BRANCO, Lúcia (org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Belo Horizonte/MG: FALE-UFMG, 2008, pp. 66-81.

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas volume I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. Sobre o conceito da História. In: **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas volume I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

FELMAN, Shoshana. Benjamin's silence. **Critical Inquiry**, Vol. 25, No. 2, "Angelus Novus": Perspectives on Walter Benjamin (1999), pp. 201-234. Disponível em <http://www.jstor.org/pss/1344200>

BONS, Jeanne Marie Gagnebin de. A memória, a história, o esquecimento. In: PAULA, Adna Candido, SPERBER, Suzi Frankl (org.). **Teoria literária e hermenêutica ricoeuriana**: um diálogo possível. Dourados: UFGD, 2011.

HUSTON, Nancy. **Plainsong**. Toronto: Harper Collins, 1993.

_____. **Cantique des plaines**. Paris: Actes Sud, 1993.

_____. **Désirs et réalités**: Textes choisis 1978-1994. Paris: Actes Sud, 1995.